



ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS ENFERMEIROS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

RESUMO

Objetivo: Objetivo de identificar a atuação dos enfermeiros a crianças com TEA.

Método: Tratou-se de um estudo transversal, descritivo, do tipo revisão integrativa da literatura, visando a identificação do papel do profissional de enfermagem à criança autista. O estudo foi realizado nas bases de dados teóricos no período de outubro a novembro de 2019, considerando os critérios de inclusão e exclusão.

Resultados: Analisou-se nesta pesquisa quatro artigos que evidenciaram importantes aspectos de atuação da enfermagem, o apoio ao diagnóstico precoce para intervenção imediata, a atuação junto a família, o estímulo do autocuidado e as dificuldades encontradas para com o autismo.

Conclusão: A partir dos estudos analisados foi percebido que o enfermeiro frente à criança autista e sua família, deve estar atento aos sinais e sintomas apresentados, prestando assistência o mais precoce possível, apoiando a família, transmitindo segurança e tranquilidade, garantindo o bem-estar, esclarecendo dúvidas e incentivando o tratamento e acompanhamento.

DESCRITORES: Transtorno autístico; Enfermagem; Papel da enfermagem; Criança; Família.



INTRODUÇÃO

Compreende-se que a infância é permeada de vulnerabilidade, com surgimento de condições patológicas, sindrômicas e/ou situacionais. Entre elas está o Transtorno do Espectro Autista (TEA) que, quando presente, acometerá a criança em seu pleno desenvolvimento, com dificuldades características em três áreas cognitivas: linguagem, sociabilidade e comportamento com estereotípias. Por se tratar de áreas comprometedoras do convívio social da criança torna-se necessário a identificação precoce deste transtorno ⁽¹⁾.

Define-se que o TEA é uma alteração em que criança, jovem ou adulto desenvolve dificuldades de comunicação, de estabelecer relações sociais e apresentam um comportamento repetitivo, podendo se isolar no seu mundo. As causas exatas do autismo continuam desconhecidas, mas uma combinação de fatores como: influências genéticas e epigenéticas, vírus, toxinas e poluição, desordens metabólicas, intolerância imunológica, e uma das principais causas, pode ser causado por anomalias nas estruturas e funções cerebrais ⁽²⁾.

Percebe-se que de acordo com as leis orgânicas 8080/90 e 8142/90 as políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS) estão consolidadas e regidas pelos princípios da integralidade, equidade, igualdade e a universalidade e crianças portadoras ou não de agravos à saúde estão respaldadas e inseridas nesse contexto ⁽³⁾. Para isso, o Programa de Atenção Integral à Saúde da Criança (PAISC) que é um processo de vinculação implantado pelo Brasil para serem atribuídas nas instituições que compõem a Estratégia de Saúde da Família (ESF), visando englobar prestação de serviços e obtenção de impactos epidemiológicos das peculiaridades que acometem as crianças ⁽³⁾.

Discorre-se que, a sistematização da assistência do profissional de enfermagem da Unidade básica de Saúde (UBS), durante a realização da consulta do Crescimento e



Desenvolvimento Infantil deve ser empregada, principalmente, para a identificação das alterações apresentadas pela criança, pois o infante necessita ser avaliado minuciosamente para que o enfermeiro possa diagnosticar planejar e executar suas ações de forma eficaz ⁽³⁾.

Sabe-se que existem instrumentos/ questionários, que podem ser aplicados por quaisquer profissionais da saúde que possuam graduação, e de acordo com estes critérios o enfermeiro da atenção básica está apto a realizar esse rastreamento através destes testes desde que tenham conhecimento e preparação para a aplicabilidade. Se houver indícios de TEA o profissional irá encaminhar a criança para uma avaliação diagnóstica mais detalhada com os profissionais específicos envolvidos numa avaliação multidisciplinar ⁽⁴⁾.

Considera-se que o Ministério da Saúde publicou um instrumento de rastreamento para a identificação precoce do transtorno do espectro autista que inclui, como atribuição ao enfermeiro da atenção básica em especial nas consultas de puericultura diante dos casos de autismo infantil, estar atento aos sinais e sintomas apresentados pela criança com suspeita do TEA, prestando assistência de enfermagem o mais precoce possível, apoiando a família, transmitindo segurança e tranquilidade, garantindo o bem estar da criança, esclarecendo dúvidas e incentivando o acompanhamento ⁽⁴⁾.

Aponta-se que o papel do enfermeiro como profissional no autismo infantil é estar atento aos sinais e sintomas apresentados pela criança com suspeita dessa condição, prestando assistência de enfermagem o mais precoce possível, apoiando a família, transmitindo segurança e tranquilidade, garantindo o bem-estar da criança, esclarecendo dúvidas e incentivando o tratamento e acompanhamento do autista ⁽⁵⁾.

Entende-se que é de grande importância que o profissional de enfermagem tenha conhecimento sobre o autismo e saiba avaliar as famílias que convivem com o autista, de forma



em que a intervenção de enfermagem possa dar apoio ao cuidado prestado a criança, diminuindo assim o impacto causado pelo autismo na família, o profissional poderá criar estratégias para diminuir o impacto na descoberta do autismo⁽⁶⁾.

Exerga-se que o enfermeiro tem como principal ação diante do TEA, “o cuidar”, tendo assim a atenção voltada não só para o autismo, mas também ao que ele representa para a família ou cuidador, principalmente a mãe da criança, o enfermeiro deverá tentar diminuir através do contato com a família o medo do preconceito diante da sociedade e o sentimento de inferioridade perante o transtorno do filho que é visto com preconceito. Muitas vezes os pais de crianças autistas enfrentam na descoberta do transtorno o sofrimento psicológico, onde passam por sentimento de tristeza, culpa e depressão, muitos não acreditam que isso está a acontecer com eles, à criança tão esperada com um transtorno que irá requerer total atenção e cuidado. Sendo assim o enfermeiro deverá assistir e se conscientizar dos sentimentos enfrentados pela família, mostrando que eles não são culpados pelo transtorno, e que estão expostos a vivenciarem estresse, depressão, culpa e tristeza. Cabe ao profissional criar formas de implementação de melhor cuidado e tratamento da criança autista, encaminhando-os a uma equipe multiprofissional, conseguindo assim melhor assistência de forma humanizada e adquirindo a confiança da família e do autista⁽⁶⁾.

Para tanto este estudo tem como objetivo identificar a atuação dos enfermeiros a crianças com TEA.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo do tipo revisão integrativa. Orientou-se a busca dos estudos e análise do material coletado a partir da pergunta norteadora: “Qual a atuação do profissional enfermeiro no transtorno do espectro autista?”



Desenvolveu-se a revisão a partir do seguinte percurso metodológico: 1- identificação da problemática da pesquisa e a questão norteadora; 2- pesquisa na literatura diante os critérios de inclusão e exclusão; 3- coleta de dados por meio de bases de dados; 4-análise de dados e apresentação da revisão.

Realizou-se a coleta de dados no período de outubro a novembro de 2019, a partir dos critérios determinados durante a leitura dos artigos. As bases de dados utilizadas foram Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud (IBECS), Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE) e Base de dados de enfermagem (BDENF) utilizando-se uma mesma estratégia de busca avançada, categorizado por título, resumo e assunto em uma visão temporal entre 2000 a 2019.

Utilizaram-se os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizando o operador booleano AND: Transtorno Autístico AND Papel da enfermagem e Transtorno Autístico AND Enfermagem.

Constituíram-se como critérios de inclusão para pesquisa: publicações nos idiomas português, inglês, espanhol e francês, com texto completo e livre acesso nas bases de dados: MEDLINE, BDENF, IBECS, LILACS. Selecionou-se estudos no período compreendido entre 2000 a 2019, limitado à área de atuação do profissional enfermeiro e transtorno do espectro autista e que, possibilitasse responder à questão de pesquisa e, posteriormente, estabelecer nexos com a atuação do enfermeiro.

Consideraram-se como critérios de exclusão: resultados na busca apontando documentos de teses, dissertações, monografias, editoriais, estudos de caso, bem como a



repetição de publicação de estudos em mais de uma base de dados e os artigos que não responderam à questão do estudo.

Analisou-se os dados a partir do seguinte roteiro de verificação dos estudos: 1- Leitura do título da publicação; 2- Leitura do resumo e, por fim, 3- leitura do texto completo na íntegra. Ressalta-se que essa análise foi realizada por dois pesquisadores de forma independente e os resultados foram comparados com o objetivo de verificar a adequação aos critérios de elegibilidade. Informa-se que quando houve discordância entre os pesquisadores, as publicações foram analisadas por uma terceira pessoa que decidiu sobre a inclusão ou não do estudo. Utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, na modalidade Temática, o qual é essencial na pesquisa para a compreensão de núcleos temáticos mobilizados na construção dos problemas de estudo. Onde as categorias temáticas foram selecionadas a partir dessa análise realizada pelos autores, de modo que respondesse a pergunta norteadora e ao objetivo do presente estudo.

Utilizou-se para a extração dos dados dos estudos selecionados, conforme, um formulário de coleta de dados, elaborado para este fim, contendo informações sobre a identificação do estudo e de conteúdo. A síntese final desenvolveu-se na forma descritiva, no que se refere aos resultados e às conclusões obtidos de cada um dos estudos.

Organizaram-se os resultados em categorias conforme a análise de conteúdo, compreendendo a pré-análise, a realização de uma leitura flutuante e organização do material selecionado, a codificação dos dados em unidades de registro e de contexto com os termos mais significativos, a categorização dos resultados em classes por diferenciação e reagrupamento de elementos comuns e, por último, a inferência pela identificação de informações a partir das categorias encontradas.



RESULTADOS

Deu-se o processo de seleção dos artigos a partir de duas formas de combinações dos descritores, como já mencionado inicialmente, identificaram-se 48 publicações. Excluíram-se 36 por não atenderem aos critérios de elegibilidade previamente definidos ou por não estarem disponíveis para leitura, restando, assim, 12 publicações. Mostra-se, que após a leitura criteriosa dos estudos na íntegra, excluíram-se 8 artigos restando apenas 4 artigos a serem incluídos nesta revisão integrativa.

Evidenciou-se a partir das buscas, que existe uma escassez de publicações que discutam da temática proposta. Observou-se, que todos (100%) os artigos selecionados são na língua portuguesa. Considera-se também que todos os quatro artigos são de abordagem qualitativa.

Quadro 1. Caracterização dos estudos sobre a atuação da enfermagem no transtorno do espectro autista. Caruaru-PE, 2019.

AUTORES	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	PERIÓDICO
Zanatta EA. Menegazzo E. Guimarães AN. Ferraz L. Motta MGC. ⁽⁷⁾	Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil	Conhecer o cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil.	2014	Revista Baiana de Enfermagem



Cont. Quadro 1. Caracterização dos estudos sobre a atuação da enfermagem no transtorno do espectro autista. Caruaru-PE, 2019.

AUTORES	TÍTULO	OBJETIVO	ANO	PERIÓDICO
Mapelli LD. Barbieri MC. Castro GZB. Bonelli MA. Wernet M. Dupas G. ⁽¹¹⁾	Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar	Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista e discutir possibilidades de cuidado em saúde.	2018	Jornal Escola Anna Nery
Rodrigues PMS. Albuquerque MCS. Brêda MZ. Bittencourt IGS. Melo GB. Leite AA. ⁽¹²⁾	Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado de Dorothea Orem e utilizar a <i>Social Stories</i> aliada à teoria do autocuidado à criança com TEA.	2017	Jornal Escola Anna Nery



Quadro 2. Síntese dos estudos sobre a atuação da enfermagem no transtorno do espectro autista. Caruaru-PE, 2019.

TÍTULO	MODALIDADE	NÍVEL DE EVIDÊNCIA	SÍNTESE DOS RESULTADOS
Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil (7).	Qualitativo	IV	As falas das participantes da pesquisa possibilitaram a elaboração de duas categorias descritas na sequência. Famílias convivendo com a criança autista; descoberta do diagnóstico e atuação da enfermagem.
A equipe de enfermagem e as crianças autista (10).	Qualitativo	IV	Foram entrevistados dois enfermeiros e quatro técnicos de enfermagem. Com base no discurso dos entrevistados foram elencadas 3 categorias: A percepção dos profissionais de Enfermagem sobre o Autismo; Equipe de Enfermagem: medo ou dúvida; Fatores que interferem na assistência à criança autista, os profissionais estão preparados?



Cont. Quadro 2. Síntese dos estudos sobre a atuação da enfermagem no transtorno do espectro autista. Caruaru-PE, 2019.

TÍTULO	MODALIDADE	NÍVEL DE EVIDÊNCIA	SÍNTESE DOS RESULTADOS
Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories ⁽¹²⁾ .	Qualitativo	IV	Os resultados apresentados, seguindo-se a dinâmica da aplicação do processo de enfermagem de Orem, com análise à luz da Teoria do Autocuidado: Diagnóstico de enfermagem e prescrição: levantamento das informações; Produção e controle dos sistemas de enfermagem; Intervenção de Enfermagem 01 - Tomando o meu banho; intervenção de Enfermagem 02 - Escovando os meus dentes; Intervenção de Enfermagem 03 - Aprendendo a higienizar-me após usar o banheiro.



DISCUSSÃO

◆ O reconhecimento precoce dos sinais e sintomas do TEA

Sabe-se que atualmente, o autismo infantil é considerado um transtorno global do desenvolvimento, manifestado antes dos três anos de idade e caracterizado pelo comprometimento de três áreas: a comunicação, a interação social e a presença de comportamento, interesses e atividades estereotipados e repetitivos ⁽⁷⁾.

Baseia-se, a detecção, na observação clínica de comportamentos característicos manifestados pela criança como, pouco contato visual, dificuldade para dirigir expressões faciais a outras pessoas e utilização limitada de gestos para comunicar-se. A capacidade que têm para relacionar-se com os pais ou com seus pares é restrita. Falta-lhes contato emocional com outros indivíduos, têm preferência por figuras ou objetos. Carecem de entusiasmo espontâneo, têm dificuldade de engajar-se em brincadeiras ou inventar histórias com brinquedos. A linguagem é imatura ou desviante, com ecolalia, inversões de pronomes, repetições monótonas de sons ou expressões verbais. Apresentam padrões de comportamentos motores estereotipados, como agitar ou torcer as mãos, girar ou balançar o corpo ou levantar e abaixar a cabeça. Também têm comportamento ansioso e possessivo, pavor de mudança, imperfeição e desejo de manutenção de uniformidade ⁽⁷⁾.

Percebe-se que a detecção precoce permite que crianças com suspeita de TEA sejam avaliadas por especialistas e participem de programas de tratamento o mais rápido possível. Devido à importância do diagnóstico precoce de TEA, é fundamental que os enfermeiros utilizem instrumentos de triagem estabelecidos para maximizar o tempo e aumentar a confiabilidade da avaliação. Há evidências crescentes de que crianças com TEA se beneficiam desde o início se houver uma intervenção precoce intensiva (IE) o mais rápido possível. Crianças pré-escolares com mais de 2 anos de intervenção para um TEA mostraram aumentos



significativos no progresso do desenvolvimento e desempenho intelectual, e 75% desenvolveram fala (Filipek et al., 1999). Essas melhorias são significativamente melhores do que as feitas por crianças que iniciam as mesmas intervenções em idades mais avançadas ⁽⁸⁾.

Analisa-se que há dificuldades no diagnóstico precoce, no entanto, muitos especialistas debatem o quão cedo ele pode fazer uma declaração definitiva sobre TEA. Porque o desenvolvimento infantil é rápido, dinâmico e variável de uma criança para outra, é um desafio identificar manifestações que indicam diretamente que a criança tem ou desenvolverá TEA. O desafio tem sido determinar como as características sociais, comunicativas e comportamentais se manifestam em crianças menores de 3 anos e determinar o quão cedo se pode prever com precisão o desenvolvimento do TEA ⁽⁹⁾.

◆ **Dificuldades de intervenção e detecção de sinais e sintomas**

Aponta-se que a atuação dos enfermeiros frente à criança autista e sua família é fundamental, uma vez que eles têm um importante papel socializador, de aceitação e compreensão da criança, bem como no estabelecimento de limites, orientação e apoio à família. Portanto o medo do desconhecido pode ser presente na vida profissional de muitos enfermeiros, é fundamental nesses casos, estreitar o relacionamento com a família da criança. É necessário que o enfermeiro realize o levantamento de dados, fonte importante para levantar os diagnósticos de enfermagem e prescrever as intervenções necessárias ⁽¹⁰⁾.

Salienta-se que o autismo apresenta graus variados de comprometimento, desde um autismo leve, caracterizado por ter um “alto funcionamento” e geralmente não impedir que a pessoa tenha uma vida relativamente normal e produtiva, até graus severos, em que há muito comprometimento das funções cognitivas, da comunicação e dos comportamentos. As dúvidas quanto a sinais e sintomas da doença geram incertezas e medos que acabam prejudicando a atuação dos profissionais para com as crianças autistas ⁽¹⁰⁾.



Reforça-se que as características clínicas da síndrome afetam as condições físicas e mentais da criança, aumentando a demanda por cuidados e, conseqüentemente, o nível de dependência de pais e/ou cuidadores. Percebe-se, portanto, a necessidade de inclusão de disciplinas ou conteúdos em que a temática tenha maior ênfase, visto que há o interesse dos profissionais no aprendizado, embora em alguns casos falte oportunidade e incentivo para que este interesse sobre o autismo seja mantido e aprofundado ⁽¹⁰⁾.

Pontua-se que além disso, esse conhecimento não é repassado em salas de aula e os cursos de graduação deixam a desejar no quesito Autismo, assim como em muitos outros, pois, por não ser um assunto considerado corriqueiro, passa despercebido. Logo, o profissional poderá sentir falta quando na prática vivenciar uma situação em que não saiba como agir por não conhecer cientificamente nem especificamente do que se trata ⁽¹⁰⁾.

◆ **Assistência de Enfermagem a criança e a família**

Compreende-se que a chegada de um novo membro na família é permeada por anseios e expectativas dos pais que sonham com uma criança perfeita e saudável, pois depositam nos filhos a possibilidade da realização dos seus sonhos e ideais. Quando a família toma conhecimento de que a criança idealizada possui autismo, os sonhos e as expectativas criados podem tornar-se frágeis; os pais tomam ciência de que o filho poderá não corresponder às expectativas criadas em torno dele e sabem que, a partir daquele momento, a dinâmica de suas vidas será modificada ⁽⁷⁾.

Ressalta-se que cada família possui necessidades particulares, onde as fragilidades a serem abarcadas relacionam-se à dinâmica familiar. É necessário compreender a família, sua estrutura e funcionamento, cabendo ao profissional descobrir, através das consultas, narrativas, e, principalmente, compreender no ambiente domiciliar como ocorre a organização dessa família, e suas relações. Nesse sentido, visitas domiciliares podem compor o planejamento do cuidado



Revista

Cogitare Enfermagem



ISSNe 2176-9133

em domicílio, uma vez que revelam outras questões que o espaço consultório/instituição de saúde não abrangem ⁽¹¹⁾.

Considera-se que os profissionais da enfermagem devem atentar-se às singularidades dos indivíduos e suas respectivas necessidades, prestando uma assistência íntegra e de qualidade que atenda a todas as demandas de cuidado dos autistas e suas famílias, contribuindo para o fortalecimento e ampliação dos seus laços relacionais. O enfermeiro envolto, pela sua competência em cuidar da criança e sua família, é um profissional capaz de inserir-se no cuidado em domicílio e contribuir com a família na organização da dinâmica e cuidado familiar ⁽¹¹⁾.

◆ **O enfermeiro e o estímulo do autocuidado a criança com TEA**

Demonstra-se que a autonomia da criança autista e sua capacidade para autocuidar-se pode ser mais comprometida quando seus pais, por falta de conhecimento e compreensão, não a estimulam precocemente, tendem a infantilizá-la, desconhecem suas potencialidades e a superprotegem. O enfermeiro deve considerar a complexidade do TEA, a gama das possíveis causas, as terapêuticas ainda incertas e com baixas respostas, preparar-se para intervir junto à criança e sua família, envolver-se com investigação inovadora do cuidado, bem como adotar abordagem teórica de enfermagem que possibilite à criança com TEA autocuidar-se de acordo com seu potencial e limitação, para que possa então ter autonomia em sua vida diária⁽¹²⁾.

Enfatiza-se que desta forma, ele pode adotar, a prática diária, a teoria do autocuidado de Dorothea Orem, que proporciona uma nova forma de cuidado de enfermagem, para produzir transformação na vida da criança, mudanças no entendimento dos pais de que é possível a essa criança cuidar de si mesma naquilo em que apresenta incapacidade e proporcionou a eles, pais, novos aprendizados de como lidar com as particularidades da sua criança, em seu processo de desenvolvimento e crescimento ⁽¹²⁾.



Sugere-se então trabalhar o autocuidado junto à criança com Asperger, seguindo-se o processo de enfermagem de Orem, que possibilita sistematizar a coleta de dados, com intuito de tornar a prática de enfermagem declaradamente determinada e, sobretudo, valorizar o conhecimento próprio da enfermagem, à medida que é empregado e transmitido na assistência e na pesquisa. O enfermeiro pode utilizar-se de recursos lúdicos para a aprendizagem da criança, que potencializa a autonomia, a criatividade, a coordenação motora, a concentração, a paciência e a habilidade de trabalhar em grupo ⁽¹²⁾.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos analisados, percebe-se a importância da atuação do enfermeiro frente à criança autista e sua família, estando atento aos sinais e sintomas apresentados pela criança com suspeita dessa condição, prestando assistência de enfermagem o mais precoce possível, apoiando a família, transmitindo segurança e tranquilidade, garantindo o bem-estar da criança, esclarecendo dúvidas e incentivando o tratamento e acompanhamento do autista. Através da consulta de enfermagem, o enfermeiro vai contribuir de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), analisando o crescimento e desenvolvimento deste, por meio de observações sistemáticas do comportamento da criança.

Nota-se como limitações do estudo a escassez de publicações que discutem sobre a temática proposta, desse modo, é de suma importância o incentivo novos estudos acerca da temática abordada de modo a auxiliar os profissionais da enfermagem em prestar uma assistência íntegra e de qualidade que atenda a todas as demandas de cuidado dos autistas e suas famílias, atentando-se às singularidades dos indivíduos e suas respectivas necessidades, contribuindo para o fortalecimento e ampliação dos seus laços relacionais.



Compreender esse transtorno pode ser relativamente simples quando estamos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. Talvez esse seja, na realidade, o maior dos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele.

REFERÊNCIAS

1. CAVALCANTE, A. S. et al. A ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À PESSOA PORTADORA DE AUTISMO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA (RI). Simpósio de TCC e Seminário de IC, 2016 / 2º. Disponível em: http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/afb8f6610160496bbd59be6f52910637.pdf
2. COSTA, E L, et al. AUTISMO INFANTIL: ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM. 2014. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Faculdade Padrão Faculdade de Enfermagem, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/389248820/14-Tcc-Autismo-Assistencia-de-Enfermagem>
3. SANTOS, Milena Silva dos et al. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO BÁSICA. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 19., 2017, João Pessoa. Pesquisa. Belém: Senpe, 2017. p. 1 - 2. Disponível em: http://www.abenpb.com.br/19_senpe/senpe/public/resumos-e-posteres/transtorno-do-espectro-autista-uma-contribuicao-da-enfermagem-na-atencao-basica/434.html
4. MURARI, S. C. IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA POR MEIO DA PUERICULTURA EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE. Doutorado em Psicologia Comportamental: Análise do comportamento. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16725>
5. BORTONE A.R.T. IDENTIFICAÇÃO DO ESPECTRO DO TRANSTORNO AUTISTA DURANTE O CRESCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: O PAPEL DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM. Revista Digital FAPAM, Pará de Minas, v.7, n.7, 131-148, dez. Disponível em: <http://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/download/133/130>
6. PINTO, R. N. M, et al. AUTISMO INFANTIL: IMPACTO DO DIAGNÓSTICO REPERCUSSÕES NAS RELAÇÕES FAMILIARES. Rev Gaúcha Enferm. set 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37n3/0102-6933-rgenf-1983-144720160361572.pdf>



7. ZANATTA, EA *et al.* CIDADANIA DE FAMÍLIAS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO INFANTIL. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 28, Número, p. 271-282, dez./2005. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451>
8. NADEL, S; POSS & JE. Detecção precoce de distúrbios do espectro do autismo: Triagem entre 12 e 24 meses de idade. Jornal da Academia Americana de Profissionais de Enfermagem, El Paso, Volume, n. 19, p. 408-417, dez./2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17655570>
9. INGLESE, Melissa Dodd. Cuidando de crianças com transtorno do espectro autista, parte II: triagem, diagnóstico e tratamento. Journal of Pediatric Nursing, Flórida, v. 24, n. 1, fev./2009. Disponível em: [doi: 10.1016 / j.pedn.2008.06.005](https://doi.org/10.1016/j.pedn.2008.06.005).
10. DARTORA, Denise Dalmora; MENDIETA, MD C; FRANCHINI, Beatriz. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. J Nurs Health, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/jonah.v4i1.4304>.
11. MAPELLI, LD *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. Escola Anna Nery, São Carlos SP, v. 22, n. 4, 2018. Disponível em: [DOI:10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116](https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116)
12. RODRIGUES, PMDS *et al.* Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Histórias sociais. Escola Anna Nery, Maceió, AL, v. 21, n. 1, 2016. Disponível: [DOI: 10.5935/1414-8145.20170022](https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170022)